

# UMA SEPULTURA DE MESA NA PONTA DO VERDE (TRÓIA)

Recebido: 20 de Março de 2020 / Aprovado: 19 de Julho de 2020

**Inês Vaz Pinto<sup>1</sup>**

Troia Resort | CEAACP-Universidade de Coimbra

**Ana Patrícia Magalhães<sup>2</sup>**

CECH | Bolseira FCT (SFRH/BD/145422/2019)

**Patrícia Brum<sup>3</sup>**

Troia Resort | HTC-CFE

**Margarida Figueiredo<sup>4</sup>**

Antropóloga

**Filipa Araújo dos Santos<sup>5</sup>**

Arqueóloga

**Sónia Gabriel<sup>6</sup>**

Laboratório de Arqueociências - DGPC

## Resumo

Apresenta-se a escavação de uma sepultura de mesa identificada na vertente de uma duna no sítio arqueológico de Tróia e os seus resultados. Os trabalhos arqueológicos revelaram uma caixa tumular intacta, com o esqueleto de uma mulher, com cobertura, já incompleta, em *opus signinum* com uma placa de mármore incrustada, e sobreposta por vestígios de ocupação mais tardios. O estudo dos contextos que a envolviam sugere que a sepultura date da segunda metade do século IV, e a utilização de tijolos novos e homogéneos, a grande dimensão da cobertura e o seu relativo isolamento sugerem uma sepultura, se não privilegiada, pelo menos de alguém com alguma importância na comunidade.

**Palavras-chave:** *Mensa*; Sepultura de mesa; Tróia; Inumação; Antiguidade Tardia

## Abstract

This paper presents the excavation of a *mensa* tomb identified on the slope of a dune in the archaeological site of Troia and its results. The archaeological works revealed an intact funerary case, with the skeleton of a woman, with an incomplete *opus signinum* covering with an inlaid marble plaque, under the vestiges of a later occupation. The study of the contexts that surrounded the tomb suggests a dating in the second half of the 4<sup>th</sup> century. The use of brand new and homogeneous bricks, the great size of the covering and its relative isolation suggest a tomb, if not privileged, at least belonging to someone with some importance in the community.

**Keywords:** *Mensa*; *mensa tomb*; inhumation; Troia; Late Antiquity

---

<sup>1</sup> invpinto@gmail.com

<sup>2</sup> apmagalhaes@troiaresort.pt

<sup>3</sup> psbrum@troiaresort.pt

<sup>4</sup> margaridavpf@gmail.com

<sup>5</sup> filipa.ar.santos@hotmail.com

<sup>6</sup> gabriel.sonia@gmail.com

## Introdução

O sítio arqueológico de Tróia localiza-se na costa sudoeste portuguesa, na península arenosa com o mesmo nome. Os vestígios romanos estendem-se por 2km ao longo da orla estuarina do Sado e múltiplas investigações demonstraram uma intensa actividade de produção de salgas de peixe do século I ao século V (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994; Pinto *et al.*, 2014) e vestígios de ocupação até ao século VI, ou mesmo ao VII (Magalhães, Pinto e Brum, 2020).

Em Novembro de 2011, numa visita de monitorização do estado de conservação das estruturas romanas na orla do estuário, foi identificada uma sepultura parcialmente exposta pelas marés e visível em corte na base de uma duna coberta de vegetação. Verificou-se de imediato que se tratava de uma sepultura de mesa, pois era visível a cobertura de *opus signinum* típica destas sepulturas sobre uma caixa tumular feita com tijolos.

A sepultura de mesa em questão localiza-se na área conhecida como Ponta do Verde, cujos vestígios arqueológicos foram assinalados pela primeira vez por I. Marques da Costa (1923/1924: fig. 1), e que é fortemente afectada pela erosão costeira (Brum *et al.*, 2017). Existem várias oficinas de salga nesta área e a sepultura em questão situa-se entre a oficina de salga 19 e a oficina de salga 20 (Pinto, Magalhães e Brum, 2011) (Fig. 1).

Este achado revestiu-se de particular interesse pois as sepulturas de mesa são relativamente frequentes em Tróia (Pinto, 2016), mas nenhuma tinha sido, até à data, publicada com o seu contexto estratigráfico.

A descoberta de um exemplar com a cobertura já incompleta, sujeito à progressiva destruição pela erosão marinha, e numa área onde, pouco tempo antes, outra sepultura tinha sido vandalizada,

motivou uma intervenção de emergência e permitiu, desta forma, escavar estratigraficamente uma sepultura de mesa de Tróia.

Neste estudo, apresenta-se a descrição dos trabalhos de escavação, que decorreram de 14 a 19 de Dezembro de 2011, os seus resultados, incluindo o estudo antropológico dos restos ósseos, e faz-se uma breve reflexão sobre o seu significado.

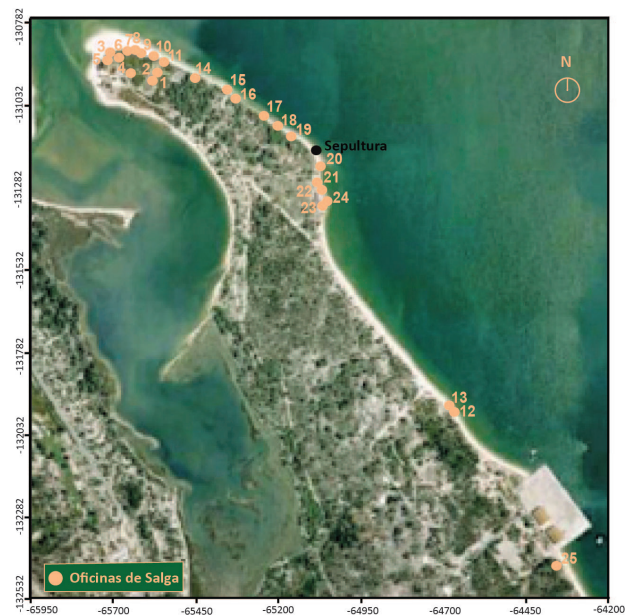


Fig. 1 - Localização da sepultura de mesa em relação às oficinas de salga de peixe do sítio arqueológico de Tróia.

## A escavação da sepultura

Dado o objectivo de escavar integralmente a sepultura identificada na vertente de uma duna, delimitou-se uma área de escavação que envolveu unicamente a sepultura e procurou adaptar-se aos limites das estruturas aí encontradas, adquirindo uma forma trapezoidal com cerca de 13,30m<sup>2</sup> (3,80m de comprimento a nordeste e 3,20m a sudoeste, com uma largura de cerca de 3,50m). A potência estratigráfica era maior na parte sudoeste da sondagem, constituída pela duna, enquanto na área nordeste a duna e parte da cobertura da sepultura já tinham sido parcialmente levadas pelas marés, expondo essa área até ao nível da

praia. A caixa tumular e a cobertura eram visíveis em corte, estando à vista o interface de destruição das marés (Unidade Estratigráfica, doravante U.E., [946]) (Figs. 2 e 3).

Começou por se escavar as areias superficiais com o coberto vegetal (U.E. [879]) (Fig. 4), desde o topo da duna que se formou sobre a sepultura até ao nível da praia, onde se recolheram dois fragmentos de faiança azul e branca e se identificou lixo moderno trazido pelas marés.

Por baixo, expôs-se um estrato enegrecido (U.E. [880]) por raízes e matéria orgânica decomposta, com alguns fragmentos de ânfora e cerâmica comum de forma indeterminada. Ficou à vista o topo de uma parede a sudoeste ([U.E. 925]) com a orientação noroeste-sudeste, alinhada com a sepultura, e que atravessava toda a área. Apoiado a esta



Fig. 2 - Aspecto da sepultura de mesa antes da intervenção arqueológica.



Fig. 3 - Aspecto dos trabalhos de escavação da sepultura.

parede, estava o fundo de um *dolium* fragmentado (U.E. [881]) (Figs. 5 e 6), do qual se recolheram 149 fragmentos, e ainda dois fragmentos de bordo de forma A.2 (nº 1, Fig. 6, nº inv. 12492a) que não parecem pertencer ao referido fundo (nº 2, Fig. 6, nº inv. 12492) (Santos, 2018: 97), embora as três peças tenham um fabrico regional relativamente banal.

Este conjunto de fragmentos cerâmicos estava envolto num nível de areias (U.E. [883]), aparentemente depositadas pelo vento, no qual se recolheram dois fragmentos de *terra sigillata* africana D, um fundo de ânfora Sado 1 (nº 3, Fig. 6, nº inv. 12497), um bordo de Almagro 51a-b, variante C (nº 4, Fig. 6, nº inv. 12496), um bordo de alguidar da forma A.2 (nº 5, Fig. 6, nº inv. 12500) (Santos, 2018: 63) e fauna mamalógica e malacológica. O *dolium* [881] e a unidade estratigráfica de areias [883] assentavam ambos no depósito designado U.E. [884], e o *dolium*, embora já incompleto, poderá ter sido destruído aquando da formação da unidade de areias [883].

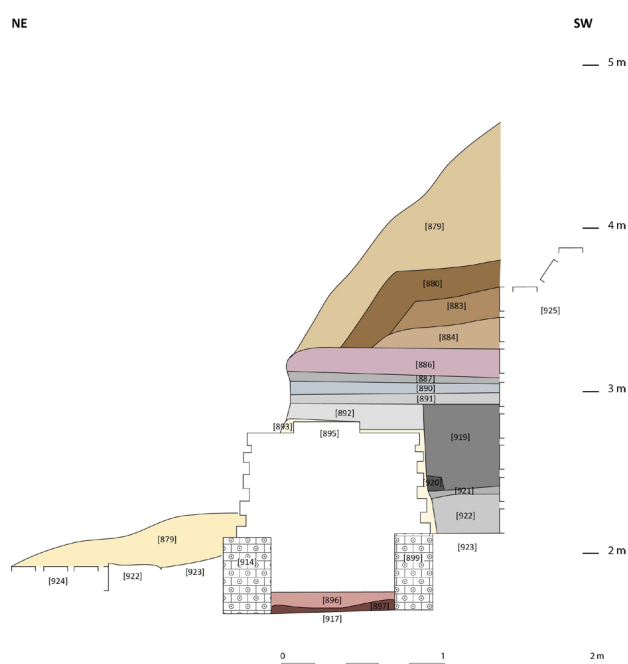


Fig. 4 - Perfil esquemático da área de escavação da sepultura.



A U.E. [884] era constituída por um depósito compacto de matriz areno-argilosa, castanho escuro, com elevada frequência de cerâmica de construção fragmentada, com predomínio de *imbrices*, incluindo alguns grandes fragmentos deste tipo de telha e de ânfora, alguns com restos de peixe agarrados, e muita cerâmica e sobretudo cerâmica comum. Identificaram-se, em particular, três fragmentos de *terra sigillata* africana D, um deles



Fig. 5 - Aspecto da área após remoção do coberto vegetal: U.E.'s [880] e [881].

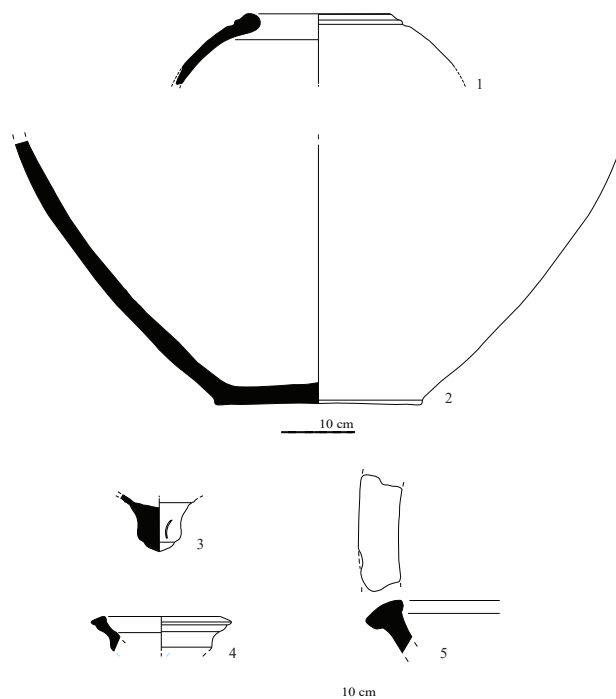


Fig. 6 - Cerâmicas das U.E.'s [881] (nº 1-2) e [883] (nº 3-5).

um fragmento de fundo com decoração estampada onde se vê um *chevron* muito incompleto no interior, genericamente integrado no estilo A de Hayes (nº 1, Fig. 7, nº inv. 12505), datado entre 320 e 470 (Hayes, 1972: 219), ânforas Dressel 14 (três asas), Dressel 7-II (nº 2, Fig. 7, nº inv. 12514), Keay 16 (nº 3, Fig. 7, nº inv. 12513), Almagro 51C (um bordo e fragmentos de asa), Sado 1 variante A e Almagro 51a-b, esta representada por um bordo da variante B (nº 4, Fig. 7, nº inv. 12511) e fragmentos de asa, além de muita cerâmica comum, incluindo várias tampas e fundos. Nesta, pode-se distinguir, de acordo com a tipologia de F. Santos (2018), um prato covo C.1 (nº 5, Fig. 7, nº inv. 12561), um pote/panela próximo da forma B.2 (nº 6, Fig. 7, nº inv. 12563), um pote/panela próximo da forma C.3 (nº 7, Fig. 7, nº inv. 12562), um jarro próximo da forma A.2 (nº 8, Fig. 7, nº inv. 12534) e um *dolium* da forma A.2 (nº 9, Fig. 7, nº inv. 12533), este de pasta com minerais negros enquanto as outras peças são todas de fabrico regional. A fauna mamalógica e malacológica era rara mas os restos de peixe agarrados à superfície de alguns fragmentos de telha

e ânfora, sobretudo na parte noroeste da unidade, formavam uma concentração de resíduos ictiológicos que foi individualizada como U.E. [885].

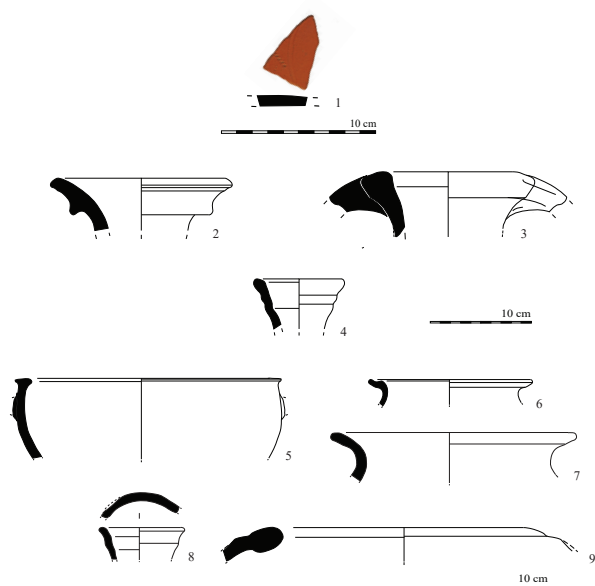


Fig. 7 - Cerâmicas da U.E. [884].



Fig. 8 - Aspecto do piso U.E. [886] acima da sepultura.

A amostra recolhida, cerca de 400ml de remanescente de preparados piscícolas, foi processada e analisada seguindo os métodos descritos em Gabriel e Silva (2016: 113), o que permitiu uma primeira avaliação do seu conteúdo. A subamostra analisada (c. 30ml) revelou uma grande concentração de material ósseo (um mínimo de 4511 ossos e fragmentos de osso, dos quais 3911 não são identificáveis), resultante de sardinha *Sardina pilchardus*, carapau *Trachurus trachurus* e capatão/cachucho *Dentex* sp., e outros esparídeos não identificados *Sparidae* e, possivelmente, outras espécies não identificáveis. A sardinha representa cerca de 97% (N= 486) do total identificado, o carapau (N= 6), o capatão/cachucho (N= 3), e outros esparídeos (N= 5) significam perto de 1% cada. Os exemplares capturados são sobretudo peixes de pequeno tamanho. O material identificado sugere a presença de pelo menos dois carapaus, um com cerca de 28cm de comprimento total (CT), e outro ligeiramente abaixo dos 26cm CT. O tamanho máximo do carapau é de até 60cm, mas é mais comum entre os 15-30cm CT. Além destes, assinala-se ainda a presença de dois capatões/cachuchos de muito pequeno tamanho (< 20cm CT). O tamanho dos capatões/cachuchos é de 70/65cm CT, mas é mais comum entre os 50/30cm CT. Relativamente à sardinha, calcula-se a presença de pelo menos oito exemplares com tamanhos estimados entre 13 e 18cm CT.

Sob as U.E.'s [879], [880], [884] e [885], foi identificado um sedimento argiloso de cor castanho escuro, compacto e com elevada frequência de argamassas, a U.E. [886]. No topo desta unidade, verificou-se a disposição de fragmentos de cerâmica tendencialmente na horizontal, e o seu enchimento tinha fragmentos de tijolos, *imbrices* e grandes recipientes, para lhe dar maior solidez (Fig. 8). A composição deste estrato, com argamassas e cerâmicas envolvidas num sedimento



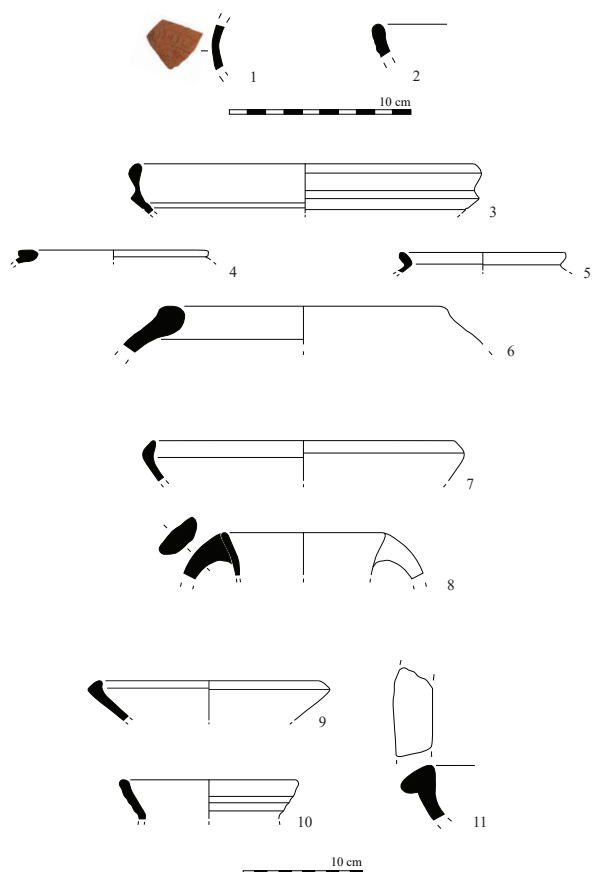


Fig. 9 - Cerâmicas das U.E.'s [886] (nº 1-6), [887] (nº 7-8) e [888] (nº 9-11).

argiloso, é típica da constituição de pisos e assim foi interpretada esta unidade. Neste piso recolheu-se uma *terra sigillata* hispânica tardia do Vale do Ebro da forma Drag. 37t (nº 1, Fig. 9, nº inv. 12565), com decoração a molde inserida no estilo “Rosetas e Círculos” de López Rodríguez (1985: 141-142) ou no primeiro estilo de Paz Peralta (1991: 104-113), *terra sigillata* africana D das formas Hayes 63 (nº 2, Fig. 9, nº inv. 12564) e Hayes 91 (pequeno fragmento de bojo com decoração roletada no interior), fragmentos de ânfora Dressel 14 (bordo, bojo e asa), e cerâmica comum. Nesta pode-se distinguir, de acordo com a tipologia de F. Santos (2018), um prato covo de forma E.1 e fabrico 4 (nº 3, Fig. 9, nº inv. 12578), um tacho A.1 de fabrico 6 (nº 4, Fig. 9, nº inv. 12576), um pote/panela C.1 de fabrico regional (nº 5, Fig. 9, nº inv. 12575) e uma talha próxima da forma A.1 de fabrico também regional (nº 6, Fig. 9, nº inv. 12580).

Sob esta unidade, delimitou-se uma camada argilosa, U.E. [887], acastanhada e rígida, que terá constituído o primeiro nível, ou seja a preparação do piso acima descrito, e que revelou apenas dois fragmentos de ânfora Dressel 14, um deles um bordo da variante C, uma asa de ânfora Keay 19 da Bética oriental, um prato covo A.2 de fabrico 4 (nº 7, Fig. 9, nº inv. 12598) (Santos 2018) e um pote/panela C.2 (nº 8, Fig. 9, nº inv. 12592), além de vários fundos. Esta unidade, que tinha ainda um fundo de vidro esverdeado e alguma fauna mamalógica, estava adossada à parede sudoeste [925], tal como as outras acima.

Sob estas duas últimas unidades, e por isso num momento necessariamente anterior à construção desse piso tardio e a noroeste da área de escavação, ficou completamente à vista um derrube, U.E. [888], associado a uma pequena parede perpendicular à parede sudoeste, U.E. [898], à qual se apoiava. Esta unidade apresentava uma maior concentração de fragmentos de cerâmica e alguns blocos de pedra de pequena dimensão envoltos num sedimento argiloso esverdeado compacto igual ao ligante do muro [898]. Continha ainda, além de alguma fauna mamalógica e malacológica, um fragmento de parede decorada com linha de óvulos e folha de acácia da forma Drag. 30 em *terra sigillata* sudgálica, residual, e um fragmento inclassificável de *terra sigillata* africana D, fragmentos de bojo de ânforas africanas e regionais, entre os quais uma asa de Dressel 14, e alguma cerâmica comum regional (Santos, 2018): um prato B.1 (nº 9, Fig. 9, nº inv. 12607), um pote/panela C.2 (nº 10, Fig. 9, nº inv. 12608) e um alguidar A.2 (nº 11, Fig. 9, nº inv. 12606).

A pequena parede (U.E. [898]), com orientação sudoeste-nordeste, foi feita com grandes pedras, essencialmente de calcário, ligadas por um

sedimento argiloso verde azeitona, parede esta por sua vez adossada à parede oeste [925].

Sob as U.E.'s [887] e [888], definiu-se a grande placa de *opus signinum*, U.E. [890], que constituía a cobertura ou *mensa*, com o comprimento de 3,10m, a largura incompleta, devido à erosão das marés, de c. de 1,40m e uma espessura de c. de 10cm. A superfície estava alisada, tendencialmente horizontal, com um acabamento arqueado do lado sudeste. No lado noroeste, tinha, incrustada, uma pequena placa de mármore branco (0,29 m x 0,27 m), (U.E. [889]), fragmentada e incompleta, sem inscrição, aplicada com argamassa no *opus signinum* ainda fresco, e nivelada com a superfície da placa (Figs. 10-12). Tendo em conta que esta placa estava sensivelmente centrada sobre a caixa tumular, pode-se presumir que estava também centrada



Fig. 10 - Aspecto da cobertura da sepultura (U.E. [890]) e da sequência estratigráfica das restantes unidades de construção associadas.



Fig. 11 - Placa de mármore (U.E. [889]) na cobertura da sepultura.

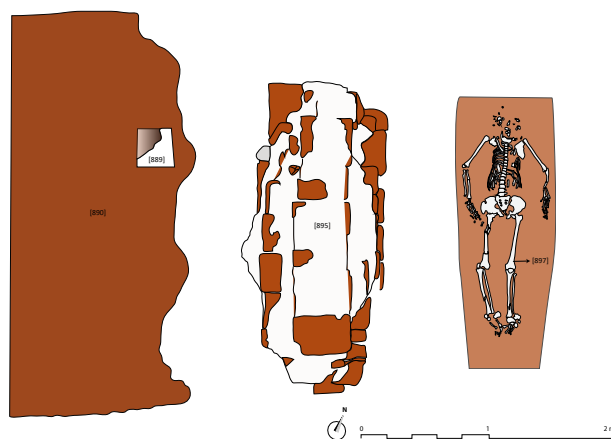


Fig. 12 - Planos da cobertura em *opus signinum*, do tampo da arca tumular, e esqueleto identificado na sepultura da Ponta do Verde.

em relação à largura da placa e reconstituir uma largura original da mesma de cerca de 2,30m (Pinto *et al.*, 2014: 113).

A sudoeste, a cobertura da sepultura encostava à parede [925], de um edifício de função desconhecida e por escavar, e a noroeste, à pequena parede [898], que parece ter sido construída propositadamente para delimitar a sepultura e sustentar a sua cobertura.

Quando se removeu a cobertura, recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica que estavam inseridos no próprio *opus*: um bojo de *terra sigillata* africana C e um fundo de *terra sigillata* africana D, ambos de forma indeterminada, um bordo de ânfora bética Dressel 23 (nº 1, Fig. 13, nº inv. 12618) e fragmentos de bojo de ânfora indeterminada.

A sustentar a cobertura, registou-se um embasamento com pedras de pequena e média dimensão, U.E. [891], constituído por pequenos blocos de pedra calcária, arenito e brecha da Arrábida, de formato anguloso, ligados por um sedimento argiloso de cor castanho-escuro. Incluía ainda fragmentos de cerâmica de construção de grandes dimensões, essencialmente de tijolo e alguns de *tegula*, e ainda dois tijolos de quadrante. Este embasamento cobria simultaneamente a vala

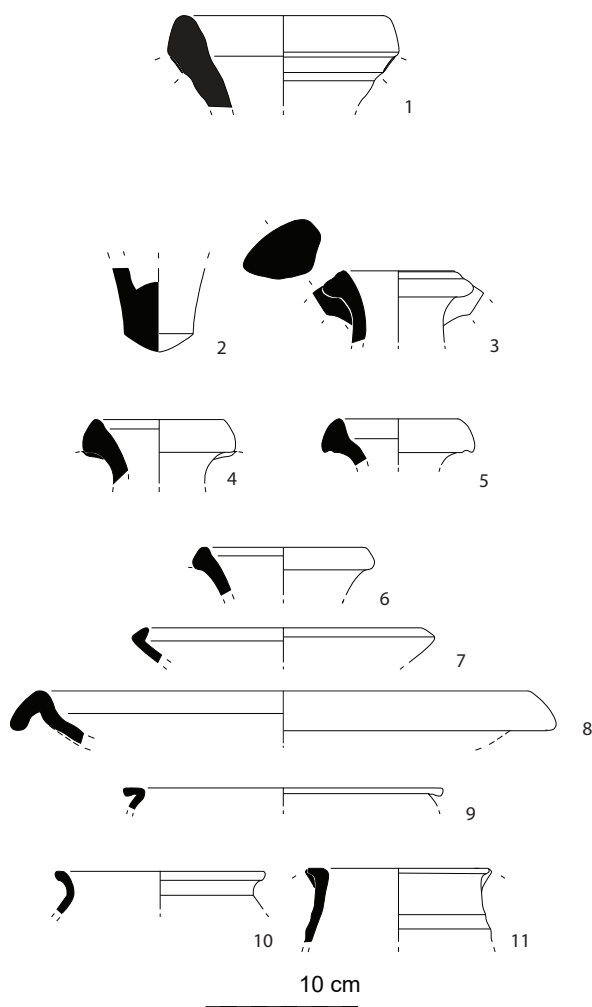


Fig. 13 - Cerâmicas das U.E.'s [890] (nº 1) e [892] (nº 2-11).

[894], escavada para a colocação da sepultura, com as duas unidades que formam o seu enchimento, U.E. [892] e em alguns pontos a U.E. [893] e, do lado sudoeste, uma faixa de sedimento ao longo da parede [925], encabeçada pela U.E. [919], faixa essa cortada por esta mesma vala e que por isso corresponde aos níveis de ocupação anteriores à construção da sepultura.

O primeiro depósito a ser escavado no enchimento de vala [894] foi denominado U.E. [892], um sedimento de matriz argilosa de coloração castanho escuro com laivos avermelhados, gerados pela inclusão de cerâmica triturada, caliças e pequenos nódulos de argamassa, que consolidou a superfície da vala antes da construção da cobertura.

Continha dois fragmentos inclassificáveis de *terra sigillata* africana, um do tipo A, três fragmentos de Dressel 14, duas asas e um fundo (nº 2, Fig. 13, nº inv. 12628), e quatro bordos de Almagro 51C (nº 3-6, Fig. 13, nº inv. 12625, 12626, 12627 e 12641), o primeiro com engobe esbranquiçado típico da variante B. Na cerâmica comum, pode-se destacar, segundo a tipologia de F. Santos (2018), um prato B.1 de cozedura redutora com minerais negros (nº 7, Fig. 13, nº inv. 12644) e, de fabrico regional, um alguidar próximo da forma A.1 ou prato covo de forma pouco comum (nº 8, Fig. 13, nº inv. 12643), um tacho A.1 (nº 9, Fig. 13, nº inv. 12639), dois potes/panela C.1, um pote/panela C.3 (nº 10, Fig. 13, nº inv. 12640) e um jarro A.1 (nº 11, Fig. 13, nº inv. 12642).

Sob este depósito identificou-se um enchimento arenoso amarelado, U.E. [893], que preencheu a vala após a construção do tampo da sepultura. Estas areias são muito semelhantes às do substrato arenoso original onde foram construídas as paredes da sepultura, devendo corresponder ao reaproveitamento das areias resultantes da escavação da vala para colocação da sepultura.

Pelo seu interface negativo, ficou claro que a vala aberta para construção da sepultura tinha uma forma subrectangular no sentido noroeste-sudeste, sendo mais larga no topo, ao nível da tampa da arca tumular, e levemente mais estreita ao nível das paredes. Constatou-se que tinha c. de 2,60m de comprimento máximo por 1,30m de largura máxima (equivalentes ao topo da vala) e uma profundidade visível, mas incompleta, de c. de 1m, uma vez que não se desmontaram as paredes da arca tumular para preservar ao máximo a integridade da sepultura.

A tampa da arca tumular (U.E. [895]) (Fig. 14), com uma orientação noroeste-sudeste, era formada por 10 camadas de tijolos (*lateres* com



0,38/0,445m de comprimento por 0,28/0,31m de largura e 0,035/0,044m de espessura) do tipo *lydion* de 1 pé por 1 pé e meio, muitos deles com linhas diagonais digitadas, muito homogêneos e sem evidência de elementos reutilizados. As fiadas de tijolos estavam escalonadas em pirâmide truncada e o fecho da tampa era composto por um alinhamento único de tijolos dispostos no sentido nordeste-sudoeste. As cinco camadas seguintes eram compostas por duas fiadas dos mesmos tijolos com a mesma orientação (Fig. 15), mas a partir da sétima camada a contar do topo (Fig. 16), e até à décima, ou, por outras palavras, nas primeiras quatro camadas a serem dispostas, os tijolos apresentavam uma disposição no sentido noroeste-sudeste, semelhante à das paredes, à excepção de um tijolo de orientação inversa nos extremos

noroeste e sudeste. Os tijolos estavam ligados por uma argamassa esbranquiçada muito arenosa.

Após a remoção integral da tampa, ficou visível a arca tumular, com 2,55m de comprimento e 1,30m de largura, de forma rectangular mas com as paredes laterais levemente convexas, sendo a cabeceira mais larga do que os pés. O espaço interior tinha 2m de comprimento e a largura era de 0,73m na cabeceira e 0,47m nos pés. Sob o nível de destruição do interior da sepultura, U.E. [896], composto por areias soltas, com fragmentos de argamassa das paredes e intensa presença de raízes (Fig. 16), jaziam os restos ósseos de uma mulher de idade já madura (fig. 17), que foi designada U.E. [897], e cujo estudo se apresenta mais adiante. Não foi encontrado qualquer tipo de espólio ou objecto de adorno associado a este enterramento.



Fig. 14 - Aspecto da arca tumular.



Fig. 15 - Aspecto da terceira camada escalonada de tijolos da tampa a contar de cima.





Fig. 16 - Aspecto da sétima camada escalonada de tijolos da tampa a contar de cima.

As paredes da arca tumular (U.E.'s [899], [910], [912] e [914]) tinham 0,43 a 0,48m de altura e foram feitas com nove camadas de tijolos idênticos aos da tampa, sobrepostos e ligados pelo mesmo tipo de argamassa branca arenosa, e só muito raramente foi usado um fragmento de tijolo ou pequenas pedras para colmatar um espaço. A face interna de cada parede foi originalmente rebocada com argamassa (U.E.'s [909], [911], [913] e [915]), que pode ter sido aplicada num único momento embora estivesse já muito destruída.

Removidos os restos ósseos, ficou à vista a base da sepultura, composta por um nível de argamassa (U.E. [916]) sobre um embasamento feito igualmente com tijolos do mesmo tipo, inteiros e homogêneos, em duas fiadas paralelas dispostas no sentido noroeste-sudeste, ligados por argamassa,



Fig. 17 - Arca tumular com o esqueleto humano.

U.E. [917] (Fig. 18). O ligante de argamassa já se encontrava destruído em alguns pontos, confirmando que a sepultura assenta directamente sobre o substracto geológico local, constituído por areia (U.E. [923]), e o facto de alguns *lateres* da base terem sido cortados para preencher o espaço interno da sepultura indica que esta foi feita após a construção das paredes.

A vala para construção da sepultura foi aberta a cerca de 0,5m da parede sudoeste [925], e implicou o corte de depósitos mais antigos, anteriores à construção da sepultura, preservados numa faixa com essa largura ao longo dessa parede (fig. 19). Decidiu-se escavar essa área na expectativa de entender a formação dos estratos que preenchiam o espaço antes da construção da sepultura e de recolher materiais datantes que constituíssem um *terminus post quem* para a sua construção.

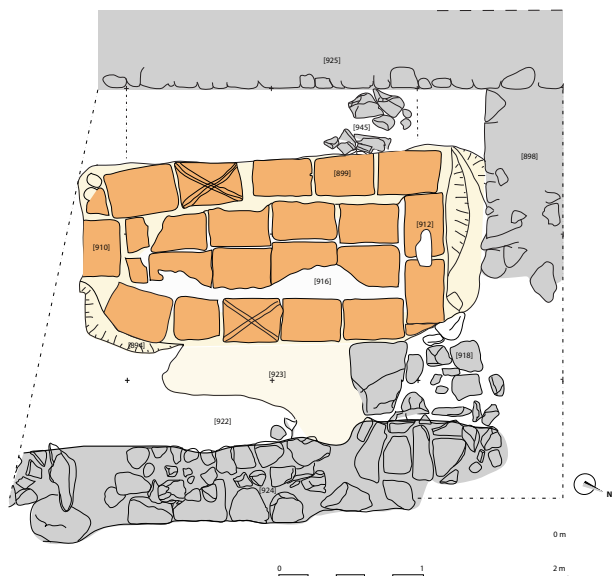


Fig. 18 - Planta final da escavação.

A primeira unidade (U.E. [919]) escavada nessa faixa consistia num depósito de matriz argilo-siltosa rígida, relativamente homogênea, de cor castanha escura acinzentada com a inclusão de blocos de argamassa, carvões, alguma fauna mamalógica, malacológica e ictiológica, fragmentos de vidro, um prego em liga de cobre, cerâmica de construção fragmentada, raros pequenos blocos de pedra e abundantes materiais cerâmicos. Destacou-se um bordo de *terra sigillata* sudgálica da forma Drag. 27, dois fragmentos de *terra sigillata* africana A, um deles classificável na forma Hayes 15 (nº 1, Fig. 20, nº inv. 12648) e seis fragmentos de *terra sigillata* africana C, incluindo um bordo da forma Hayes 50B (nº 2, Fig. 20, nº inv. 12754) e outro da forma Hayes 53 (nº 3, Fig. 20, nº inv. 12649). No que se refere a ânforas, identificou-se a Almagro 51C, representada por um bordo, e ainda um fundo, ambos da variante B (nº 4-5, Fig. 20, nº inv. 12656 e 12695), a Sado I variante A (nº 6-7, Fig. 20, nº inv. 12658 e 12659) e a Sado I variante B (nº 8, Fig. 20, nº inv. 12657), e ainda um fundo de Sado I de variante indeterminada (nº 9, Fig. 20, nº inv. 12694). Em termos de cerâmica comum, de acordo com a classificação de F. Santos (2018), assinala-se a presença, em fabrico regional, dos



Fig. 19 - Corte nordeste da vala [894] com as U.E.'s. [919] a [923].

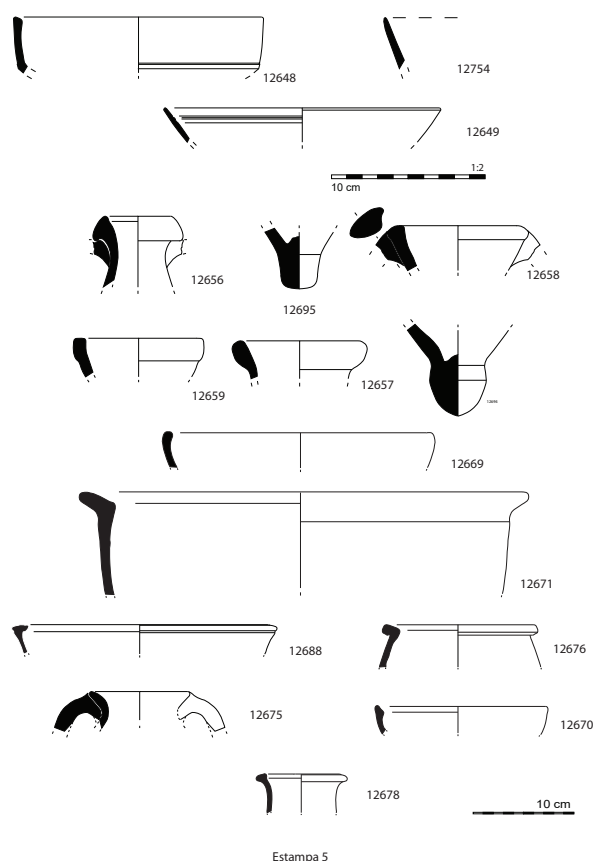
pratos A.1 (nº 10, Fig. 20, nº inv. 12669) e B.1, do pratel A.1, da tigela B.1, dos alguidares A.1 (nº 11, Est. 20, nº inv. 12671), A.3 (nº 12, Fig. 20, nº inv. 12688) e A.4, do tacho A.1 de fabrico com minerais negros, dos potes/panela A.1 também de fabrico com minerais negros (nº 13, Fig. 20, nº inv. 12676), C.3 (nº 14, Fig. 20, nº inv. 12675) e de uma forma não comum (nº 15, Fig. 20, nº inv. 12670), de um jarro também pouco comum (nº 16, Fig. 20, nº inv. 12678) e de uma tampa A.2, além de diversos fundos.

Sob esta unidade estratigráfica foi definida a U.E. [920], de superfície levemente ondulada e composta por nódulos espessos de argamassa de cal esbranquiçada envoltos num sedimento castanho acinzentado fino e compacto, quase estéril de materiais cerâmicos, interpretada como um piso.

Sob este piso, identificou-se um depósito argiloso, U.E. [921], pouco homogêneo, duro, de cor castanho esverdeada com pequenos nódulos de argamassa, carvões e cerâmica moída, raríssimos e indefinidos fragmentos cerâmicos, à excepção de um bordo de tigela de fabrico regional, e vestígios de bioturbação. Considerou-se ser o nível de preparação do piso acima descrito.

Sob esta preparação de piso, foi definido um depósito de sedimento endurecido de cor avermelhada, U.E. [922], com abundantes nódulos





Estampa 5

Fig. 20 - Cerâmicas da U.E. [919] (nº 1-15) e [922] (nº 16-17).

de argamassa, cascalho e blocos de arenito geralmente pequenos, nódulos de argila esverdeada e pequenos fragmentos de cerâmica de construção. De assinalar ainda a presença de finas raízes e de raros carvões, assim como de fauna mamalógica e de raros e indistintos fragmentos de ânfora, uma asa de Dressel 14 presa no corte que não foi recolhida, e alguns poucos fragmentos de cerâmica comum. Embora só tenha sido exposto numa faixa de 2m de comprimento junto à parede [925], este depósito está encostado ao enrocamento dessa parede e foi interpretado como o primeiro piso deste compartimento. Por fim, e após a remoção deste piso avermelhado, na pequena área escavada ficou visível uma concentração de pedras, U.E. [945] (fig. 18), assente directamente sobre areias soltas amareladas, U.E. [923], que parecem constituir o substrato geológico natural desta área e

estão à vista sob a sepultura e na parte nordeste da área de escavação, ao nível da praia.

No canto norte da sondagem, numa área mais destruída pelas marés, já era visível um pequeno conjunto de blocos de pedra, U.E. [918] (fig. 18), de origem e tamanho diversos, com a inclusão ocasional de cerâmica de construção. Esta concentração de pedras é muito semelhante à que foi definida junto à parede sudoeste (U.E. [945]), considerando-se a possibilidade de as duas, assentes nas areias de praia (U.E. [923]), serem equivalentes e consistirem no embasamento do piso [922], e por isso igualmente afectadas pelo corte da vala [894].

A nordeste da sepultura e junto ao limite da área de escavação, definiu-se a fundação de uma parede, U.E. [924] (figs. 18), a cerca de 2,5m da parede [925], paralela a essa. É constituída por blocos de pedra de tamanho variado ligados por argamassa branca arenosa, com 0,53m de largura, apenas 0,20m de altura visível e prolongando o seu comprimento para além da área de escavação.

A parede sudoeste [925] tinha um comprimento visível de 5,60m que ultrapassava a sondagem de ambos os lados, 1,73m de altura máxima preservada e uma espessura de 0,53m. Distinguem-se dois lanços de alvenaria distintos nesta parede (Fig. 19). O lanço inferior é feito com elementos pétreos médios-grandes de forma irregular (por ex. 0,35 por 0,26m e 0,28 por 0,24m), essencialmente de calcário, mas também um bloco de brecha da Arrábida, dispostos num *opus incertum*. O lanço superior é feito com blocos pequenos de forma quadrangular (por ex. 0,20 x 0,11m, 0,18 x 0,08m), dispostos de forma relativamente regular em fiadas horizontais, num *opus vittatum* irregular. Na base observou-se um patamar de aspecto menos cuidado e levemente mais espesso feito com blocos de calcário, arenito e nódulos da argamassa.

Não foi possível compreender o comprimento original deste espaço com cerca de 2,5m de largura nem a sua função.

### O estudo antropológico dos restos ósseos

O esqueleto encontrava-se em decúbito dorsal, numa orientação noroeste (crânio) – sudeste (pés), pernas paralelamente estendidas, crânio aparentemente centrado (apesar da sua quase inexistência) e braços adjacentes ao tronco, perfazendo um ângulo de cerca de 135° em cada articulação do cotovelo, numa posição pouco natural.

O indivíduo [897] (figs. 12 e 17) encontrava-se depositado em contacto directo com a base de tijolos da sepultura, sem que tenham sido detectados quaisquer indícios de caixão, sugerindo o uso de uma simples mortalha. Também não se diagnosticou qualquer tipo de colmatação do corpo com sedimento. Aquando da abertura da sepultura, os ossos aí presentes encontravam-se cobertos por uma malha intrincada de raízes, fenómeno que fragilizava, mas também consolidava a articulação do esqueleto. Para além destas raízes foram diagnosticados restos da argamassa que cobria paredes e tecto, que terá caído progressivamente. Estas mesmas raízes, que de alguma forma ajudaram na imobilização dos restos esqueléticos, também os fragilizaram, penetrando nas cavidades medulares dos ossos longos e fragilizando o tecido esponjoso/trabecular das suas extremidades e das peças mais frágeis, como as vértebras e crânio. Houve ainda acção directa da água e da humidade no interior da estrutura que destruíram o tecido cortical dos ossos longos, conferindo-lhes um aspecto laminado e poroso, polvorento ao toque.

Na diagnose sexual utilizaram-se as recomendações de Ferembach e Stoukal (1980), inerentes à morfologia dos ossos da bacia, em simultâneo

com os pontos de cisão para as várias medidas do úmero, da tíbia, do fémur (Wasterlain, 2000), do talus e do calcâneo (Silva, 1996). Algumas das indicações métricas e as observações morfológicas não coincidiam, e consideraram-se os parâmetros morfológicos da bacia como mais fiáveis. Tendo em conta a observação das características morfológicas dos coxais – chanfradura ciática ampla em forma de U; arco composto duplo; acetábulo pequeno, crista ilíaca pouco sinuosa; coxal baixo e largo - e da mandíbula são consentâneas com a maioria das medidas conseguidas, definindo-se com segurança tratar-se de um indivíduo do sexo feminino.

No que respeita ao cálculo da idade à morte, a classificação teve por base a escala etária de Ferembach, Schwidetzky e Stoukal (1980), seguindo-se estas recomendações bem como dos estádios de fusão da extremidade esternal da clavícula, propostos por MacLaughlin (1990) e a tabela do processo de ossificação da cartilagem da tiróide por Krogman e Iscan (1976).

Tratava-se de um indivíduo adulto, com todas as epífises fundidas (Ferembach, Schwidetzky e Stoukal, 1980) inclusive a epífise esternal da clavícula (esquerda) e com um processo de ossificação já iniciado na cartilagem da tiróide, sugestivos de uma idade superior a 40 anos (MacLaughlin, 1990).

Os processos degenerativos eram quase exclusivos do esqueleto apendicular inferior, sendo que este padrão na dispersão deverá ser um indicador fiável do sobre-esforço exercido sobre as pernas. Os sinais degenerativos mais evidentes surgiam na articulação de ambos os joelhos, com marcas nas superfícies articulares dos fémures, tíbias e rótulas, traduzidas sob a forma de eburnação nos côndilos femurais, associada a uma osteofitose marginal, também visível nas superfícies

articulares das rótulas e nas articulações proximais das tíbias. Por outras palavras, o que acontece naturalmente com a idade ou forçadamente pela actividade, é a perda gradual de tecido cartilaginoso articular. Sem esta protecção, os ossos ficam cada vez mais sujeitos à fricção directa entre eles, acabando por desgastar as suas zonas de contacto (epífises).

Tenhamos ainda presentes as afectações degenerativas não articulares (entesopatias) que não são mais do que lesões inflamatórias na zona de inserção dos músculos, tendões e ligamentos. Quando o esforço é muito e a actividade constante, estes tecidos podem ossificar nas extremidades formando pequenas projecções ósseas capazes de sugerir padrões de actividade e estilos de vida (Larsen, 1997). Com um padrão de distribuição muito semelhante ao das artroses, e provavelmente correlacionado com estas, as marcas entesopáticas surgiram aqui especialmente incidentes ao longo da *linea aspera* de ambos os fémures (grau 2), na fossa solear das tíbias (especialmente incidente no lado esquerdo), no ligamento tibiofibular do perónios e no tendão de Aquiles especialmente incidente no lado esquerdo (grau 2).

Embora a simetria não seja constante, o padrão das entesopatias e das artroses demonstra que os joelhos e tornozelos eram sobre-utilizados de forma quase idêntica.

Com base no padrão degenerativo encontrado – artroses nas articulações; entesopatias consentâneas, desgastes e perda *ante mortem* de dentes – nas observações de processos de ossificação avançada em algumas das cartilagens diagnosticadas – nomeadamente nas superfícies esternais das costelas – podemos aferir com alguma segurança uma idade largamente superior aos 30 anos.

A ausência dos terceiros molares inferiores, em dissonância com os restantes factores de

diagnóstico, poderá ser aqui explicada, não como factor de juventude, mas fruto de fenómenos hereditários não menos comuns como é o caso da agenesia dentária.

De uma observação mais pormenorizada aquando do levantamento dos ossos, registaram-se algumas evidências patológicas degenerativas, infecciosas e orais. As primeiras, geralmente sintomáticas de uma idade mais avançada, têm de ser lidas aqui com as devidas reservas, uma vez que os factores degenerativos poderão ter sido “acelerados” por determinado estilo de vida, tais como as cáries e as perdas de peças dentárias que poderão corresponder a uma alimentação desequilibrada e má higiene oral.

Um padrão com forte desgaste generalizado sugere um mecanismo intenso de mastigação e um tipo de alimentação abrasiva - com o consumo excessivo de pão com muitas sementes e grãos, farinhas e leguminosas, muito desgastantes para os dentes posteriores – aliado à falta de cuidados de higiene oral, que promovem a perda *ante mortem* e resultam numa grande cárie destrutiva.

A disposição dos ossos, com o esqueleto apendicular a assumir ângulos muito mais abertos do que seria expectável – braços e pernas muito afastados do restante esqueleto axial - o padrão patológico concentrado nos membros inferiores, indiciando uma sobrecarga nas pernas e pés, e a especificidade de patologias orais, poderão indiciar a presença de um indivíduo (feminino) adulto com excesso de peso. Provavelmente uma figura socialmente importante, com acesso a determinados alimentos mais calóricos e/ou com mais açúcares. Esta relevância social é corroborada pela própria estrutura funerária. A confirmar-se esta hipótese teríamos o primeiro caso de obesidade no mundo romano de Tróia.



## A datação da sepultura

Tendo em conta que as sepulturas de mesa ocorrem durante um longo período, desde o século II (Leveau, 1978) até ao século VI (Duval, 1995: 200), não é possível inferir uma data de construção desta sepultura a partir do tipo de sepultura. É possível deduzir que é uma sepultura do Baixo Império por se tratar de uma inumação, mas uma data de construção mais precisa só pode ser obtida através da análise das unidades estratigráficas que a envolvem e da datação do respectivo espólio.

Ficou claro nos resultados da escavação que foi escolhido um espaço entre duas paredes de um edifício abandonado para construir a sepultura. É provável que a parede nordeste já estivesse parcialmente caída, caso contrário haveria pouco espaço para escavar a vala e construir a arca tumular. Essa vala deixou uma faixa de depósitos prévios ao longo da parede sudoeste, cujo espólio pode indicar uma data *post quem* para a construção da sepultura. Nessa faixa, é o depósito superior, a U.E. [919], com maior frequência de cerâmica, que pode contribuir para essa datação. Nesta unidade, a *terra sigillata* africana C da forma Hayes 53, datável de 350-430 (Hayes, 1972: 78-82) e a Hayes 50B, bem integrada na segunda metade do séc. IV (Hayes, 1972: 69-73) constituem o *terminus post quem* para a implantação da sepultura, que, por isso, não pode ser anterior a meados do século IV. Estas peças vêm acompanhadas da ânfora Sado I, variante B, considerada uma produção que não surge antes de meados do século IV e que é frequente na segunda metade desse século (Pinto e Almeida, 2016) e conforta essa datação. Mas os materiais classificáveis também não permitem ir muito além no tempo, devido à ausência dos materiais típicos dos finais do século IV e do século V, apontando claramente para uma acumulação de sedimentos e resíduos da segunda

metade do século IV e, provavelmente, do terceiro quartel deste século.

Outra unidade útil para a datação da sepultura é a [892], o sedimento arenoso que cobriu a arca tumular e sobre a qual assentou o enrocamento e a cobertura de *opus signinum* e que, por isso, é contemporânea da construção da sepultura. Nesta unidade recolheram-se dois fragmentos de *terra sigillata* africana, um seguramente do tipo A, mas outro muito mal preservado e por isso sem fabrico atribuído, embora possa até ser mais próximo da D, de ânforas Dressel 14, certamente residuais, e de Almagro 51c, incluindo um bordo da variante B, datável de meados do século III a meados do século IV. A cerâmica comum também não tem nenhuma forma muito tardia que contrarie esta datação. Nota-se que não há nenhuma peça cujo início de produção ultrapasse os meados ou terceiro quartel do século IV e que possa alterar a datação proposta.

A própria cobertura de *opus signinum* continha apenas um fragmento de *terra sigillata* africana C e outro de *terra sigillata* africana D, ambos de forma indeterminada, uma ânfora bética Dressel 23 e fragmentos de bojo de ânfora. A ânfora Dressel 23 tem uma cronologia lata de finais do século III ao século V e a presença de *terra sigillata* africana D apenas indica uma datação não anterior a meados do século IV.

Presume-se que a cobertura da sepultura tenha estado exposta durante um certo período, dando tempo a que a placa de mármore incrustada se fragmentasse e desaparecesse em parte, e que houvesse um desmoronamento parcial (U.E. [888]) da parede noroeste à qual estava adossada (U.E. [898]). Só mais tarde se deu uma remodelação do espaço, com a implantação de um piso com a sua fundação. Neste piso (U.E. [886]), além de fragmentos de cerâmica residuais, recolheu-se um fragmento diminuto de *terra sigillata* hispânica tardia da forma

Drag. 37, com um estilo decorativo que abrange os séculos IV e V d.C. (Paz Peralta, 1991: 104-113), mas é próxima da decoração da peça 4.32, uma peça completa atribuída à primeira metade do século V d.C. (Paz Peralta, 2008: 524), *terra sigillata* africana D da forma Hayes 63, integrada no último quarto do século IV (Hayes, 1972: 109), embora seja reconhecida em contextos mais alargados, entre 360 a 440 (Atlante I, 1981: 86) e, um bojo de Hayes 91, que, sem a possibilidade de definição de uma variante, apresenta uma cronologia mais lata, mas que deverá ser integrado genericamente no século V, muito possivelmente ainda na primeira metade desse século de acordo com o padrão de consumo já observado em Tróia (Magalhães, 2021), constituindo o *terminus post quem* deste piso. Por cima deste piso, uma ânfora Almagro 51a-b variante C (nº 4, Fig. 6) confirma uma ocupação do século V dada a datação desta ânfora (Mayet e Silva, 1998: 284-286 e 300, fig. 133).

## O significado da sepultura

Num artigo anterior (Pinto, 2016), houve oportunidade de apresentar as sepulturas de mesa de Tróia e de discutir o seu significado em geral. As sepulturas de mesa destinavam-se ao banquete funerário e a oferendas aos defuntos. Podiam ser rectangulares, evocando uma mesa comum, ou semicirculares, ditas “em sigma” (letra grega C), estas reproduzindo a *mensa lunata* (em forma de meia lua) e o *stibadium*, o leito semicircular à volta da mesa no qual os convivas se reclinavam. Estas coberturas em forma de mesa tinham, por vezes, uma placa de mármore encastrada, e destinaram-se precisamente ao banquete funerário, o *agape*, típico da religião tradicional romana, mas que perdurou entre os cristãos (por ex. Jensen, 2008: 128). Embora menos frequentes, há também, no mundo romano, exemplos de *biclinia* e *triclinia*

associados a sepulturas, com o mesmo objectivo de facilitar a refeição partilhada pelos vivos (Jensen, 2008: 119).

No mesmo artigo de 2016, fizemos, desde logo, uma reflexão sobre os aspectos mais relevantes da sepultura da Ponta do Verde no contexto das suas congéneres de Tróia.

Antes de mais, há que destacar a sua grande dimensão, visto que tem cerca de 3,10m de comprimento e, se se considerar que a placa de mármore estava centrada, como é habitual, cerca de 2,10m de largura. Isto significa uma grande afinidade a sepulturas dos compartimentos B/C, D e E da igreja paleocristã de Tróia conhecida como “basílica” (Pinto *et al.*, 2014: 115, fig. 19). A sepultura nº 39 (compartimento B/C), por exemplo, tem 2,50m de comprimento por 2,60m de largura, a sepultura nº 51 (compartimento D) tem 2,85m de comprimento por 2,30m de largura e a sepultura nº 64 (compartimento E) tem um comprimento mínimo de 2,10m e uma largura de 3,10m. À data da descoberta da sepultura da Ponta do Verde, pensávamos que estas grandes sepulturas, que contrastam com as mais numerosas de aspecto individual, fossem colectivas e albergassem pelo menos duas pessoas, ou mesmo várias, tal como se verificou na sepultura de mesa no tanque 3 sob a igreja paleocristã (Pinto *et al.*, 2014: 107-110). Apesar de, ao contrário da sepultura da Ponta do Verde, nenhuma destas grandes sepulturas ter uma placa de mármore inserta, a descoberta de uma sepultura individual sob uma cobertura tão grande indica que a dimensão da cobertura pode ser o reflexo do estatuto social do indivíduo nela enterrado, e permanece a dúvida sobre as grandes sepulturas não-escavadas.

No que respeita à datação, as sepulturas anteriores à construção da igreja paleocristã foram consideradas de meados ou segunda metade do século IV

num exercício de cronologia relativa (Pinto, 2016: 105-106). Dada a grande afinidade verificada, a escavação estratigráfica da sepultura da Ponta do Verde vem confirmar a datação na segunda metade do século IV.

Sabendo que as sepulturas de mesa podem conter cremações ou inumações, e que só algumas com mosaicos, epigrafia ou pintura são explicitamente cristãs, permanece a dúvida sobre a afinidade religiosa das sepulturas de mesa de Tróia (Pinto *et al.*, 2019a: 387), à excepção de uma sepultura de mesa, aparentemente mais tardia, com iconografia cristã (Pinto *et al.*, 2019b: 433-434). Até à data, não se conhecia a orientação do corpo de nenhuma das sepulturas de mesa da igreja paleocristã, e só uma sepultura vandalizada da necrópole a sul da Capela de Nossa Senhora de Tróia tinha sido reportada como tendo apenas um prato de cerâmica (Almeida e Paixão, 1978). A grande dimensão da sepultura da Ponta do Verde e a sua construção com tijolos muito homogéneos, certamente novos, contrastam com a simplicidade do enterramento, sem qualquer espólio, seja em termos de oferendas funerárias, objectos de adorno pessoal ou relacionados como o vestuário. A ausência de qualquer objecto foi certamente uma escolha deliberada e sugere um novo paradigma religioso-funerário que poderá ser cristão. A orientação noroeste-sudeste do corpo, em contraste com outros enterramentos de Tróia de finais do século II a finais do século III com orientação sudeste-noroeste (Almeida, 2008: 73), conforta esta hipótese.

A localização desta sepultura de mesa longe dos outros conjuntos conhecidos de sepulturas de mesa em Tróia confirma que, apesar de não ter sido registado na necrópole da Caldeira, é um tipo de sepultura que surge em vários pontos do sítio

arqueológico e que se pode considerar comum em Tróia.

Permanece a dúvida quanto ao espaço escolhido para a instalar, com cerca de 2,5m de largura, entre duas paredes, uma delas muito pouco preservada, mas parece muito provável que se tenha aproveitado um edifício abandonado. É possível que originalmente tivesse constituído um estreito pátio ou corredor de uma oficina de salga, tendo em conta que há exemplos em Tróia de menor largura (Pinto, Magalhães e Brum, 2011: 156) e que a parede sudoeste apresenta um *opus vittatum* irregular que neste sítio arqueológico é típico das paredes de tanques de oficinas de salga (Pinto, Magalhães e Brum, 2011: 160). Este espaço teria adquirido uma função funerária numa fase mais tardia, após o abandono da produção de salgas. Mas é, por agora, uma suposição impossível de comprovar.

A escavação revelou ainda que esta ocupação de carácter funerário não foi a última neste ponto do complexo industrial, visto que se identificaram depósitos mais tardios acima da sepultura. Ocupavam uma pequena área e continham materiais cerâmicos de vários tipos e épocas, mas esta ocupação não pode ser anterior ao século V, dada a presença de uma ânfora Almagro 51a-b, variante C, tal como foi referido. A análise dos restos de peixe associados a fragmentos de ânforas e telhas de um destes depósitos revelou o predomínio da sardinha (97%), como é habitual nos restos de produção dos tanques de Tróia. No entanto, tendo em conta que 75% das sardinhas se distribuem entre 16 e 18cm de comprimento, esta amostra aproxima-se mais de uma de Setúbal, recuperada no interior de uma ânfora Dressel 14 (RFAF 10-12), onde os exemplares se distribuem entre 16 e 21cm de comprimento, e interpretada como *salsamenta* (sardinha salgada) (Gabriel e Silva, 2016: 114-115).



## Conclusão<sup>7</sup>

A escavação estratigráfica da sepultura da Ponta do Verde permitiu, pela primeira vez, contextualizar uma sepultura de mesa rectangular, e datá-la da segunda metade do século IV, o que condiz com a suposta datação de sepulturas afins do núcleo da igreja paleocristã de Tróia.

A sua grande dimensão surpreende numa sepultura individual e sugere uma relação directa com a importância social de uma mulher madura, possivelmente obesa, nela depositada.

A orientação noroste-sudeste do corpo, a total ausência de espólio numa sepultura feita com materiais de construção novos e com grande cobertura com placa de mármore encastrada admitem que se possa enquadrar no culto cristão, sem que seja possível prová-lo.

## Bibliografia

- ALMEIDA, Fernando; PAIXÃO, Judite e António C. (1978). Um tipo raro de sepultura romana. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 323-335.
- ALMEIDA, João (2008). *A necrópole romana da Caldeira, Tróia de Setúbal: escavações de Manuel Heleno nas décadas de 40-60 do século*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras de Lisboa.
- ATLANTE I (1981). *EAA Atlante delle forme ceramiche I. Ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (medio e tardo impero)*. Roma: Istituto Enciclopedia Italiana.
- BONIFAY, Michel (2004). *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: British Archaeological Reports Oxford Ltd.
- BRUM, Patrícia; PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; SANTOS, Filipa; MULLER, John (2017). The STORM project and coastal erosion. The case of Troia. *Skyllis*, 17, Jahrgang 2017, pp. 62-68.
- COSTA, Inácio Marques da (1923/24). Estudos sobre algumas estações de época luso-romana dos arredores de Setúbal. *O Arqueólogo Português - 1.ª Série*, Vol. XXVI, pp. 314-328.
- DUVAL, Noël (1995). Les nécropoles chrétiennes d'Afrique du Nord. In *L'Afrique du Nord antique et médiévale. Monuments funéraires, institutions autochtones* (VIe Colloque International sur l'Histoire et l'Archéologie de l'Afrique du Nord (Pau, 1993)). Pau: Éditions du CTHS, pp. 187-205.
- ÉTIENNE, Robert; MAKAROUN, Yasmine; MAYET, Françoise (1994). *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- FEREMBACH, D; SCHWIDETZY, I; STOUKAL, M. (1980). Recommendations for age and sex diagnosis of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9, pp. 517-549.
- GABRIEL, Sónia; SILVA, Carlos Tavares (2016). Fish bones and amphorae: new evidence for the production and trade of fish products in Setúbal (Portugal). In Inês Vaz Pinto; Rui Almeida; Archer Martin (eds.) *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery, 10. Oxford: Archaeopress, pp. 111-116.
- HAYES, John (1972). *Late Roman Pottery*. London: The British School at Rome.
- JENSEN, Robin M. (2008). Dining with the Dead: from the Mensa to the Altar in Christian Late Antiquity. In Laurie Brink, O.P. and Deborah Green (eds.) *Commemorating the Dead: Texts and Artifacts in Contexts: Studies of Roman, Jewish and Christian Burials*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, pp. 107-143.
- KROGMAN, Wilton; ISCAN, Mehmet (1976). The human skeleton in forensic medicine. Springfield: Charles Thomas.
- LEVEAU, Philippe (1978). Une mensa de la nécropole occidentale de Cherchel. *Karthago, Revue d'Archéologie Africaine*, XVIII, pp. 127-131.
- LÓPEZ RODRÍGUEZ, José (1985). *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península*

<sup>7</sup> Em Agosto e Setembro de 2021, já depois de concluído este artigo, foi descoberto, no sítio arqueológico de Tróia, mais um conjunto significativo de sepulturas de mesa que será oportunamente apresentado e publicado.

- Ibérica*. Salamanca: Universidade de Valladolid, Junta de Castilla y Leon, Universidad de Salamanca.
- MACLAUGHLIN, Sue (1990). Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern Portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*, 8, pp. 59-68.
- MAGALHÃES, A. P. (2021). *Troia. A terra sigillata da Oficina 1. Escavações de 1956-1961 e 2008-2009*. Suplemento nº 10 de O Arqueólogo Português. Lisboa: Imprensa Nacional / Museu Nacional de Arqueologia / Direcção-Geral do Património Cultural.
- MAGALHÃES, Ana Patrícia; PINTO, Inês Vaz; BRUM, Patrícia (2020). Late Roman imported pottery in the southwest of Lusitania: the case of Tróia (Portugal). In Maria Duggan; Sam Turner; Mark Jackson (eds.) *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and Early Medieval Imported Pottery on The Atlantic Seaboard* (International Symposium Newcastle University, March 26th-27th 2014), Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 15. Oxford: Archeopress Publishing Ltd, pp. 135-150.
- MAYET, Françoise; SILVA, Carlos Tavares da (1998). *L'atelier d'amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- PAZ PERALTA, Juan (1991). *Cerámica de mesa romana de los siglos III al VI d.C. en la provincia de Zaragoza*. Zaragoza: Pórtico.
- PAZ PERALTA, Juan (2008). Las producciones de Terra Sigillata Hispánica intermedia y tardia. In Darío Bernal Casasola; Albert Ribera i Lacomba (coords.) *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidad de Cádiz. p. 497-540.
- PINTO, Inês Vaz (2003). *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- PINTO, Inês Vaz (2016). Late Roman Tombs at Tróia (Portugal): the *mensae*. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, <http://jaei.library.arizona.edu>, vol. 10 (September 2016), pp. 103-112.
- PINTO, Inês Vaz; ALMEIDA, João Pedro (2016). Sado 1 (Western Lusitania). *Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/sado-1-western-lusitania>), 09 July, 2016.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2011). O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos Cornélii Bocchi. In João Luís Cardoso; Manuel Almagro-Gorbea (eds.) *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Colóquio Internacional de Tróia (6-8 de Outubro de 2010). Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, pp. 133-167.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia (2014). An overview of the fish-salting production centre at Tróia (Portugal). In Emmanuel Botte; Victoria Leitch (eds.) *Fish & Ships. Production et commerce des salsamenta durant l'Antiquité* (Actes de l'atelier doctoral à Rome, 18-22 juin 2012), Bibliothèque d'Archéologie Méditerranéenne et Africaine 17. Aix-en-Provence : Centre Camille Julian, Éd. Errance, pp. 145-157.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia; ALMEIDA, João (2014). Novos Dados sobre a Tróia Cristã. In *O Sudoeste Peninsular entre Roma e o Islão –Southwestern Iberian Peninsula between Rome and Islam*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 104-123.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia; SANTOS, Filipa (2019a). Problemática em torno da basílica de Tróia. In Jordi López Vilar (ed.) *Tarraco Bienal. Actes 4t Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic. VII Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica. El Cristianisme en l'Antiguitat Tardana. Noves Perspectives* (Tarragona, 21-24 de Novembre de 2018). Tarragona: Universitat Rovira i Virgili - Institut d'Estudis Catalans, p. 385-393.
- PINTO, Inês Vaz; MAGALHÃES, Ana Patrícia; BRUM, Patrícia; MACIEL, Justino (2019b). Representação da cruz paleocristã em Tróia de Setúbal (Portugal). In Justino Maciel; Filomena Limão (coords.) *Horizontes Artísticos da Lusitânia. Dinâmicas da Antiguidade Clássica e Tardia em Portugal. Séculos I a VIII*. Amadora: Canto Redondo, p. 432-441.
- SANTOS, Filipa Araújo dos (2018). *A Cerâmica Comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

SILVA, Ana Maria (1996). *O Hipogeu de Monte Canelas I (IV-III milénios a.C.): Estudo paleobiológico da população humana exumada*. Trabalho de síntese. Universidade de Coimbra.

WASTERLAIN, Sofia (2000). *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura*

*de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de mestrado em Evolução Humana apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.